
DESVIO, FLÂNERIE E LIMINARIDADE NA EXPERIÊNCIA DO VIAJANTE

DETOUR, FLÂNERIE AND LIMINALITY IN THE TRAVELER'S EXPERIENCE

IURI FRANCISCO MUSTAFA CORDEIRO

Universidade Federal de Minas Gerais

ÂNGELA CRISTINA SALGUEIRO MARQUES

Universidade Federal de Minas Gerais

DANIEL MELO RIBEIRO

Universidade Federal de Minas Gerais

JÚLIA FONSECA DE CASTRO

Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo: Este artigo caracteriza a experiência do viajante para além do mero deslocamento origem-destino, a partir da noção de viajante-flâneur e da prática da microflânerie. Argumentamos que microflânerie interrompe o fluxo da experiência cotidiana, abrindo outros espaços de descanso, refúgio e jogo, nos quais o sujeito pode transformar a si mesmo. Fazer uma experiência é uma operação micropolítica de reorientação de conduta, da reflexividade fruto de momentos de elaboração e montagem entre passado, presente e futuro. Nossa reflexão evidencia que é possível articularmos as lógicas heterotópicas às práticas da microflanagem, uma vez que o viajante pode elaborar ativamente táticas que questionam lógicas funcionais estritas a partir da fabulação de espaços e tempos justapostos. A experiência estética do viajante-flâneur permite desviar das expectativas instaurando um modo alternativo de compreensão do mundo, de si mesmo e das relações intersubjetivas construídas na travessia.

Palavras-chave: viagem; flânerie; experiência estética; limiar; micropolítica.

Abstract: This article characterizes the traveler's experience beyond the mere origin-destination displacement, based on the notion of traveler-flâneur and the practice of microflânerie. We argue that microflânerie interrupts the flow of everyday experience, opening other spaces of rest, refuge and play, in which the subject can transform himself. Making an experience is a micropolitical operation of reorientation of conduct, of reflexivity resulting from moments of elaboration and assembly between past, present and future. Our reflection shows that it is possible to articulate the heterotopic logics with the practices of microflannging, since the traveler can actively develop tactics that question strict functional logics based on the fabulation of juxtaposed spaces and times. The aesthetic experience of the traveler-flâneur allows him to deviate from expectations by establishing an alternative way of understanding the world, himself and the intersubjective relationships built in the quest.

Keywords: travel; flânerie; aesthetic experience; threshold; micropolitics.

1 INTRODUÇÃO

“A vida de uma pessoa é a inscrição de seus movimentos, a soma de suas trilhas, de seus rastros, formando uma malha de peregrinação” (INGOLD, 2015, p. 224).

A experiência da viagem pode criar várias relações com os espaços percorridos, com as temporalidades que se articulam e com as pessoas com quem interagimos. Existem viagens nas quais as travessias nos apresentam veredas inesperadas, desvios que burlam o ordenamento da paisagem, resignificando os espaços e abrindo limiares que permitem reflexões, transformações e redistribuições que até então não estavam previstas. Michel de Certeau (2003) expressa essas possibilidades de redefinição da experiência ao mencionar como a viagem constitui espacialidades pelo movimento, pelo deslocamento constante definido pelos passos do viajante que marcam um trajeto, geralmente aberto às indefinições e à perambulação. Na viagem, “os jogos dos passos moldam espaços, tecem lugares, produzem percursos e desvios, valorizando o presente, a descontinuidade e o factual” (CERTEAU, 2003, p. 177). O autor menciona como a viagem pode transformar o viajante em um desbravador que “transforma em outra coisa cada significante espacial: cria atalhos, desafia interditos, seleciona e atualiza fragmentos da cidade” (CERTEAU, 2003, p. 179).

Em uma viagem, os sujeitos podem, através das relações que estabelecem com o espaço e com o tempo, criar outras formas de percorrer e de se apropriarem dos lugares, criando “relatos de lugares que são bricolagens feitas com resíduos de mundo” (CERTEAU, 2003, p. 187). A experiência de praticar o espaço na viagem permite ser outro e conectar-se com alteridades localizadas em espaços outros. Interessa-nos pensar a viagem como essa prática de resignificação do espaço e de transformação de si, considerando-a como capaz de redesenhar e refazer as linhas do presente e de suas possibilidades de devir, nas quais se articula a “passagem e o movimento rumo a outra configuração de sentido” (CARDOSO, 1988, p. 15).

A definição de viagem, segundo Sérgio Cardoso (1988), está comumente ligada à movimentação física entre dois pontos em um dado espaço, mas admite também a compreensão das quebras, rupturas e saltos de transformação inerentes à

experimentação do trajeto descontínuo do viajante, dentro de uma dimensão temporal. Segundo ele, as pessoas que apenas percorrem uma linha de instantes já predefinidos não se arriscam em aventuras, acidentes e dispersões, não viajam. Aqueles que viajam conhecem a abertura e profundidade das distâncias, aceitam a indeterminação da abertura promovida pelo distanciamento e pelos tempos fragmentados e espiralares.

A valorização da indeterminação do percurso a ser traçado e seguido na viagem se soma à fragmentação temporal que escapa ao ordenamento causal de construção da experiência (SOLNIT, 2000). A justaposição de temporalidades não segue uma lógica de organização linear, mas encontra um jeito de produzir sentido a partir da abertura promovida pelo distanciamento: é nesse intervalo que opera a montagem. Cardoso (1988) comenta como a montagem pode produzir coexistência entre temporalidades e estórias a partir da associação, da contaminação e da contiguidade. Sabemos também que é possível produzir montagens a partir do choque, tal como descrito em Walter Benjamin (2007). Cardoso reflete também sobre a sensação de estranhamento no distanciamento da viagem, a partir da passagem do tempo e da afetividade do espaço-outro sobre o viajante. Para ele, “as viagens nunca transladam o viajante a um meio completamente estranho, mas, marcadas pela interioridade do tempo, alteram e diferenciam seu próprio mundo, tornam-no estranho para si mesmo” (1988, p.19).

A vertigem provocada pelo estranhamento das viagens bagunça dados probabilísticos e expectativas, como um acontecimento inesperado e não-narrativo: ela torna legível o trabalho das sensações, de sua luta e de sua mudança de nível no intervalo que se abre entre o que é familiar e o que se apresenta como estranho. A vertigem produz a chance da criação de relações originais nas quais as linhas entre os percursos já conhecidos são borradas, induzindo entre eles novas distâncias, novas relações, de onde surgirá uma potencial experiência estética. É a partir dessa metáfora da vertigem que pretendemos traçar uma aproximação entre o limiar e a potência do estranhamento, uma vez que ambos arrancam as narrativas da causalidade histórica, promovendo outras possibilidades de exploração e transformação da experiência.

Nesse sentido, Almeida (2013) aponta a possibilidade de uma experiência de viagem que configura uma definição de fronteira. A fronteira é por ela definida como demarcação a ser cruzada para tornar possível o contato com a alteridade e, nesse contato comunicativo, transformar a si mesmo e os vínculos tecidos com os outros. A fronteira expressa tanto a divisão quanto a partilha, o encontro, a reconfiguração das subjetividades e a reconfiguração da dimensão intersubjetiva da autorrealização. Para a autora, a viagem, "[...] para ser significativa, encontra seu potencial na experiência de fronteira, resultantes do contágio e da experimentação do mundo para além dos limites postos e previamente conhecidos" (ALMEIDA, 2013, p. 22).

Neste artigo, pensamos a viagem como travessia, transformação e passagem capaz de criar discontinuidades espaciais e temporais, instigando a emergência de experiências liminares, marcadas por aberturas, desvios e interrupções. Em nossa abordagem, a viagem não é considerada apenas como o fluxo entre dois pontos no espaço, mas como um campo espaço-temporal — um campo de liminaridade, ou de uma viagem liminar — que entrelaça componentes heterogêneos nos quais residem as interseções da exploração da realidade. O entendimento da viagem como experiência liminar nos permite refletir sobre a interação do viajante com o ambiente percorrido, bem como sobre suas observações e relatos sobre momentos e lugares vivenciados em meio a uma realidade particular. Além disso, acreditamos que essas experiências liminares criam possibilidades de transgressão de marcos territoriais, temporais e culturais, configurando microflanagens — uma experiência estética, de cunho reflexivo — em estado latente, acessadas geralmente em metodologias cartográficas e nas memórias e narrativas dos viajantes. Uma microflanagem seria, em linhas gerais, o aproveitamento da abertura de pequenas brechas temporais e espaciais em percursos e deslocamentos, em que a suspensão de algumas rotas, planejamentos ou intenções permite experimentações inusitadas. O prefixo “micro” não se relaciona a tamanho ou mensuração, mas a uma referência à micropolítica ou infrapolítica das táticas e das insurgências, tal como utilizada por Michel de Certeau (2003).

A partir de uma revisão e sistematização de literatura voltada ao tema da viagem, abordamos a experiência estética do viajante, no sentido da aproximação e da ruptura de um limiar — uma zona intermediária, área transitória — acessado pelo indivíduo. Por um lado, entendemos que é possível que a permanência constante em um estado de liminaridade não implique na mudança de *status* dos sujeitos: aqui, a atração exercida pela viagem reforçaria o aspecto das práticas transitórias de escapismo ou de fluxo (CZIKSZENTMIHALYI, 1990), duradouras até o momento do retorno a um estado anterior (revisitado no desligar do celular, no retorno ao lugar comum da rotina ou à normalidade do lar, por exemplo). Por outro lado, a viagem, a exploração, a peregrinação e o flunar por várias ambiências também favoreceriam a passagem do indivíduo por caminhos limítrofes, nos quais a concepção comum da experiência poderia ser extrapolada por reflexões mais subjetivas, sutis, microhistóricas e micropolíticas.

A transgressão da passagem significaria uma mudança de um olhar, a atualização do *self*, a renovação após o rito de passagem, em que o viajante, a partir da interação com o ambiente, estaria mais consciente sobre as questões que teriam sido reveladas durante sua travessia. Com isso, procuramos conceber uma aproximação entre a experiência de um viajante em contato com a realidade de um mundo geográfico e uma (possível) experiência liminar de ruptura para além da realidade do mundo que lhe é oferecido a percorrer.

2 FRONTEIRAS E LIMIARES NA EXPERIÊNCIA DA VIAGEM

Acreditamos que os limiares podem ser entendidos como a chave para a revelação das experiências estéticas dos viajantes, rememoradas em suas transições e passagens (PALAZUELOS; FONSECA, 2017), e materializadas no âmbito da reflexividade sobre as vivências e experiências de suas derivas por espaços os mais diversos. Entendemos que é nessa interação com o mundo que os indivíduos encontram uma experiência particular, —[...] vivenciada de forma diferente do cotidiano, a partir de uma constituição de um tempo e de um espaço próprios, [...] especialmente em

relação às suas possibilidades interativas (SOARES, 2016, p. 84), que evoca a emergência da figura do viajante — um sujeito que percorre e que flana (BENJAMIN, 1999) pelos diversos espaços e lugares visitados.

Para tanto, consideramos importante diferenciar brevemente as noções que envolvem as vivências de viagem de fronteira (ALMEIDA, 2013), os desvios e os limiares (RIBEIRO; CAPANEMA, 2016; MARTINO; MARQUES, 2020), a partir da reflexão de Benjamin (2007), retomada por Jeanne Marie Gagnebin (2014). A fronteira é por eles definida como um limite: ela desenha um traço ao redor de algo para lhe dar uma forma bem definida e evitar que esse algo se derrame para além de suas bordas. A fronteira contém e mantém algo, evitando seu transbordar, definindo seus limites não somente como contornos de um território, mas também como as limitações do seu domínio, designando uma linha cujo traço e espessura podem variar. Tal linha não pode ser atravessada impunemente: sua transposição pode significar uma transgressão a normas, o que acarreta represálias. O limiar (BENJAMIN, 2007), por sua vez, indica transição, movimento de passagem, zona de fluxos e contrafluxos. Ele não apenas separa dois territórios (como a fronteira), mas permite a transição, de duração variável, entre ambos. Não significa somente separação, mas aponta para um lugar e um tempo intermediários, indeterminados, que podem ter uma extensão variável, ou mesmo, indefinida.

Enquanto a fronteira designa uma demarcação abrupta e evidente, limiar é uma área de transição. A fronteira determina uma clara delimitação de um espaço por meio de uma linha de espessura variável, a fim de evidenciar a separação de dois ambientes: o que está dentro do que está fora, o que está —do lado de cá e o que está —do lado lá. A fronteira, muitas vezes instituída por regras arbitrárias, não pode ser ultrapassada impunemente. Sua presença imponente, por um lado, deixa bastante claro quais são os limites do conhecimento; mas, por outro, inibe a ultrapassagem (RIBEIRO, 2021, p. 214).

O limiar abarca a hesitação e a suspensão: pode-se demorar no limiar, mas não se permanece imobilizado, porque, segundo Benjamin (2007), ele é a —morada do sonho, da fabulação.

Ritos de passagem – assim se denominam no folclore as cerimônias ligadas à morte, ao nascimento, ao casamento, à puberdade etc. Na vida moderna, estas transições tornam-se cada vez mais irreconhecíveis e difíceis de vivenciar. Tornamo-nos muito pobres em experiências limiarias. O adormecer talvez seja a única delas que nos restou. (E, como também, o despertar). E, finalmente, tal quais as variações das figuras do sonho, oscilam também em torno de limiaries os altos e baixos da conversação e as mudanças sexuais do amor. [...] Não é apenas dos limiaries destas portas fantásticas, mas dos limiaries em geral que os amantes, os amigos, adoram sugar as forças. As prostitutas, porém, amam os limiaries das portas dos sonhos – O limiar [Schwelle] deve ser rigorosamente diferenciado da fronteira [Grenze]. O limiar é uma zona. Mudança, transição, fluxo estão contidos na palavra *schuelen* [inchar, intumescer], e a etimologia não deve negligenciar estes significados. Por outro lado, é necessário determinar [manter, constatar] o contexto tectônico e cerimonial imediato que deu à palavra seu significado. Morada do sonho (BENJAMIN, 2007, p. 535).

Reiteramos a importância dessa distinção por considerarmos que o limiar também seja o espaço-tempo habitado pelo *flâneur*. O *flâneur* é descrito por Benjamin (2007) como indivíduo que flana, que contempla e coleta detalhes, rastros e fragmentos do ambiente urbano, que mais tarde serão por ele reunidos e remontados em novas composições que revelem outras vozes, novos olhares, ângulos distintos e contextos particulares sobre as entrelinhas da cidade. Nesse contexto, usamos a *flânerie* benjaminiana como uma abordagem para delimitar o que entendemos por experiência estética nas viagens. Aprofundamos a concepção de Benjamin (2007) sobre a perspectiva do sujeito que realiza uma análise particular da cidade em função do tempo: um *flâneur* benjaminiano, que realiza o papel de observador e investigador dos detalhes da cidade, desmontando-a e remontando-a, criando imagens de pensamento a partir das comparações temporais nas ambiências parisienses da época.

No limiar, o *flâneur* tem papel ativo: descobre rastros e vestígios e desvia-se de sua rota original de exploração da cidade. Ao ler algo que o encanta no vestígio, ao distrair-se com um traço e ao devanear na perambulação desviante, o *flâneur* redesenha afetivamente a cidade e altera o curso das experiências projetadas pelo consumo. Assim, o desvio desfaz a linearidade de um percurso e, em seu movimento de corte (muitas vezes de atalho), produz conhecimento renovador. O desvio é, em Benjamin (2007), a opção pelo descaminho, pela “renúncia ao caminho reto e direto em proveito das errâncias, renúncia ao curso ininterrupto da intenção” (GAGNEBIN, 2014, p. 70).

O ato do deslocamento do viajante nos sugere que exista uma possibilidade de desvio, no qual ele interrompe sua experiência roteirizada para flunar pelo espaço, acessando novas vivências, limiars e imaginários. As práticas da exploração, do desvio e da reflexão poderiam coexistir à luz de uma janela espaço-temporal específica, em consonância com a experimentação do mundo. Então, em algumas situações, não seria necessário o indivíduo alternar-se nos papéis de viajante e *flâneur*, visto que, de algum modo, a *flânerie* poderia acontecer em brechas de percursos, em que a suspensão de alguns gestos poderia deixar espaço para experimentações outras.

Desse entendimento, derivamos a hipótese da existência de uma microflânerie no escopo da viagem, tornando o viajante um sujeito que vai além da janela espaço-temporal desenhada previamente para a condução de sua experiência. Nessa hipótese, argumentamos que a existência de uma *microflânerie* se originaria e se expandiria no espaço das ambiências experimentadas, perpassando percepções, projeções e imaginários, culminando em uma experiência de cunho reflexivo. No entanto, embora o microflanar seja um conceito entendido em termos de percepção de um tempo intersticial — em que a atenção do viajante redireciona-se para a reflexão sobre algum aspecto de uma dada localidade por ele percorrida, mesmo que brevemente, durante a viagem —, também o entendemos como um conceito ligado à micropolítica e à microhistória do próprio viajante-*flâneur*, em que o agenciamento e o desvio permitem-no escrever sua própria história — uma história subjetiva, particular, reorganizada em seu próprio tempo, e que ressignifica sua própria experiência liminar, distanciando-a da prática liminóide.

Entretanto, Júlio Adam (2018) entende que a prática liminóide do deslocamento (isto é, no sentido de um olhar consumista sobre o lugar) — por mais que direcione os sujeitos para a construção de um percurso que atravessa os lugares sem a preocupação em promover pausas ou momentos de quebra do ritmo do caminhar — não apenas rompe com a realidade cotidiana vivida pelos indivíduos, como pode vir a favorecer uma abertura para uma experiência reflexiva, mesmo dentro de um espaço-tempo de escapismo.

Em um mundo globalizado, marcado pela cultura consumista, os lugares em geral, também os lugares de peregrinação e os lugares de turismo, perdem seu conteúdo, sua memória, sua potencialidade de sentido e sua identidade. Pessoas passam pelos lugares, mas os lugares já não passam por elas. Com isso, o caminhar, em grande medida, perde também sua função liminar. Mesmo assim, a experiência de romper com o cotidiano, com o trabalho estressante, com o trânsito caótico, com a feiura dos lugares comuns e desordenados das nossas cidades e com tantos outros sintomas da falta de espaço e de lugar, é o que as peregrinações, o turismo ou até mesmo as simples caminhadas dominicais no parque mais ou menos proporcionam uma experiência de rompimento, um respiro, um sentido, algo de transcendência (ADAM, 2018, p. 85-86).

A passagem de Adam (2018) encontra paralelo na interação entre o indivíduo viajante e o percurso trilhado, uma vez que traz o lugar como entidade que comunica, em seus rastros, indícios, pistas e fragmentos, a sua identidade e sua memória. Essa relação fica mais clara quando temos a chance de explorar a rememoração das vivências dos viajantes, bem como a recapitulação de passagens e acontecimentos por eles testemunhados nos ambientes em que circulam.

Considerando a importância da realização de incursões na memória para compreendermos as transformações promovidas pelos limiares, Júlia Castro (2019) nos ajuda a pensar sobre o resgate das narrativas dos viajantes pelas vias do lembrar e do esquecer. A autora nos auxilia a entender o processo de rememoração como um trabalho em processo que atualiza constantemente a memória, pois as novas percepções se transformam em imagens que são evocadas em percepções futuras, como um constante desdobrar do passado no futuro. A rememoração traz juntos os elementos tensionados do passado, do presente e do futuro, fazendo com que os acontecimentos se prolonguem, sejam revistos, conferindo durações múltiplas à experiência dos sujeitos.

Pela via do lembrar, do rememorar, o viajante cria sequências para ligar eventos que funcionam como pontes, permitindo criar um padrão para sua narrativa. Pela via do esquecer, ele perde-se nos lugares, criando um caminho desviante que estimula o repensar-se. Mesmo por meio de um relato motivado pela necessidade de esquecer, o viajante não escapa da reflexão sobre si próprio. Se o relato baseado na urgência de lembrar põe em ação uma memória consciente, a narrativa que pretende esquecer aciona uma memória involuntária que possibilita o viajante reconhecer, na alteridade do percurso, traços daquilo que foi escondido dele próprio (CASTRO, 2019, p. 226).

A rememoração também é parte do que Benjamin (1999) denomina de prática do flunar nas cidades, na qual o indivíduo *conversa* com o espaço, caminhando, explorando e refletindo sobre as memórias e os acontecimentos que caracterizam o lugar e suas particularidades, de forma mais lenta, em seu próprio tempo, a pé. O gesto estético-político da *flânerie* articula passado, presente e futuro em uma conversa guiada pela busca dos vestígios, pelos traços que estão sendo apagados pelo progresso, pelos pequenos detalhes que podem fazer vacilar o acelerado ritmo do progresso.

É importante caracterizar essa conversa que o *flâneur* faz com o espaço urbano, mobilizando a noção de rememoração. A rememoração do passado, tal como ressalta Gagnebin (2014), não implica apenas na restauração do passado, mas, sobretudo, na transformação do presente. É importante sublinhar que o passado não retorna da mesma forma, mas ele também é retomado, retrabalhado e transformado. A rememoração não é a conservação do passado como algo que pode ser devolvido tal qual era ao presente, mas é a criação de narrativas incompletas e lacunares através de vestígios, de restos, para a construção de algo novo. Lidar com um rastro, com uma ruína exige contemplar o que restou, dentro de um horizonte em que houve perda: um rastro permite pensar naquilo que escapa à consciência. Na tentativa de seguir pistas e rastros desempenhamos papel ativo, descobrimos o vestígio, lemos algo a partir dele, enquanto a observação dos rastros leva a incertezas que, por sua vez, alimentam a reflexividade de um sujeito que constrói sua narrativa, que articula suas identidades.

Na viagem como prática que altera a relação com os rastros, as paisagens e a com a própria identidade, o viajante pode tornar-se um *flâneur* que se desloca pelo mundo, perdido, porém atento ao que vê. Em sua *flânerie*, este indivíduo conversa com o ambiente, que lhe corresponde, de alguma forma, criando reciprocidade na comunicação. Entendemos que é a partir dessa conexão, no âmbito do diálogo com esse mundo percorrido e praticado, que surgem experiências proporcionais à qualidade dessa conversa, cujos sentimentos, afetos e reflexões lhe impulsionam a reagir e a modificar o seu olhar para a vida. Extrapolamos aqui a concepção do *flâneur*, trazendo a hipótese da microflanagem como uma forma de transgressão da janela

espaço-temporal no percurso da viagem. No contexto do deslocamento, exploração ou viagem por diversos ambientes, a manifestação do *microflâneur* sugere a existência de momentos intercalados de ação e de reflexão, onde as escolhas, desvios e limiares tornam-se insumo para experiências persistentes na memória, na história e na vida dos viajantes.

Nesse sentido, o deslocamento do viajante que flana pelo espaço instaurando uma abertura para uma *conversa* com o seu ambiente, experimenta o choque de interações que promove desorganizações temporais e espaciais que remodelam a maneira como o esse indivíduo olha e lê o mundo. Nesse caso, o choque não estaria ligado a uma noção individual preexistente de real (como fragmento ou enquadramento da realidade inerente a uma dada paisagem), mas sim, no sentido de uma mudança na forma de olhar para a realidade, ou mesmo na forma de enquadrar e tornar os acontecimentos que nela ocorrem apreensíveis e legíveis. Por esse ponto de vista, uma conversa com o mundo significaria não apenas uma comunicação encenada com o imaginário ficcional do *flâneur*, mas também com o aspecto real (isto é, uma faceta) da realidade internalizada nesse imaginário. Em outras palavras, o real e a ficção figurariam como componentes desse imaginário do *flâneur*, que vê o mundo — pessoalmente, *in loco*, ou virtualmente, por outros dispositivos ou pela narrativa de terceiros — e que enxerga na realidade ficcional os enquadramentos e retratações da realidade de um mundo (que lhe é) real, como um contêiner de significados particulares sobre histórias, narrativas e diferentes modos de pensar, de agir e de interagir.

Refletindo mais profundamente sobre a relação que permeia os conceitos de realidade e imaginário, percebemos que a forma de olhar para os detalhes das ambiências estaria ligada ao imaginário cultural e às referências do indivíduo. Uma concepção expandida da realidade poderia considerar que as imagens mentais criadas internamente pelos indivíduos seriam representações tão reais quanto as que existem de fato no espaço físico. Isso implicaria que, subjetivamente, as construções do real (como realidade imaginada, percebida, arquitetada, ou ainda, influenciada por outros imaginários) significariam a própria realidade, desfazendo uma possível dificuldade conceitual envolvendo um dualismo de uma realidade-imaginário.

Interessa-nos aqui essa abertura para a transgressão da proposta original de um roteiro de viagem, que, ao ser resignificada pelo viajante-*flâneur*, abre novas possibilidades de experiências e derivações. Uma vez que o viajante passa a se apropriar de conteúdos de uma dada realidade — seja ela proveniente de mundos tangíveis, ficcionais ou imaginários —, e considerando que o espaço percorrido e praticado se materializa no momento em que o viajante se põe a existir e a interagir com diferentes elementos (AARSETH, 2001), podemos pensar nas possibilidades de existência de uma experiência cujas brechas permitam a extrapolação de expectativas — uma experiência reflexiva, que se revela a partir do microflanar ou do choque de realidade, na interação do olhar consumista do viajante com o ambiente em que transita.

3 EXPERIÊNCIA ESTÉTICA E RUPTURAS NAS PRÁTICAS DO VIAJANTE-FLÂNEUR

O significado da experiência estética do viajante-*flâneur* nos permite compreender a noção de experiência como deslocamento temporal que engendra uma transformação a partir da redefinição dos parâmetros de condução da existência. Segundo Freitas (2014), Walter Benjamin classifica a natureza da *experiência* como um construto da memória e da tradição, ou como uma *vivência* inscrita no contexto da percepção consciente. Pela visão em profundidade, a separação entre ambas emerge da diferenciação do tipo de impacto que os acontecimentos exercem na vida das pessoas, e como são internalizados por elas: segundo a ótica da natureza da *Erfahrung* (experiência), há a transmissão da tradição a ser compartilhada entre os sujeitos; já no âmbito da *Erlebnis* (vivência), sua existência ocorre em foro íntimo, no âmbito interno do indivíduo (FREITAS, 2014; PALAZUELOS, FONSECA; 2017).

No ensaio *Experiência e pobreza*, Benjamin (1987) traz um *insight* sobre a definição de experiência como um conhecimento que pode ser repassado para as futuras gerações, tal como um provérbio ou parábola, cuja durabilidade garante que a sua mensagem seja transmitida como aprendizado vital às gerações seguintes. No entanto, sua crítica reside no entendimento de que, ao longo do tempo, essa

experiência duradoura e compartilhada passa a concorrer com a experiência prática da era do desenvolvimento técnico, o que torna os indivíduos “mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos” (BENJAMIN, 1987, p. 1). Para o autor, essa experiência emerge como “[...] uma nova forma de miséria [que] surgiu com esse monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem” (BENJAMIN, 1987, p. 1), e que rejeita a sua noção característica de patrimônio da humanidade.

Pobreza de experiência: não se deve imaginar que os homens aspirem a novas experiências. Não, eles aspiram a libertar-se de toda experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza externa e interna, que algo de decente possa resultar disso. Nem sempre eles são ignorantes ou inexperientes. Muitas vezes, podemos afirmar o oposto: eles “devoraram” tudo, a “cultura” e os “homens”, e ficaram saciados e exaustos. “Vocês estão todos tão cansados — e tudo porque não concentraram todos os seus pensamentos num plano totalmente simples, mas absolutamente grandioso.” Ao cansaço segue-se o sonho, e não é raro que o sonho compense a tristeza e o desânimo do dia, realizando a existência inteiramente simples e absolutamente grandiosa que não pode ser realizada durante o dia, por falta de forças. [...] A natureza e a técnica, o primitivismo e o conforto se unificam completamente, e aos olhos das pessoas, fatigadas com as complicações infinitas da vida diária e que veem o objetivo da vida apenas como o mais remoto ponto de fuga numa interminável perspectiva de meios, surge uma existência que se basta a si mesma, [...] do modo mais simples e mais cômodo [...] (BENJAMIN, 1987, p. 3).

Palazuelos e Fonseca (2017) acompanham esse ponto de vista, sugerindo que a experiência se torna o lugar do conteúdo (pleno, superficial ou vazio), da velocidade (reflexividade ou consumo imediato) e da mudança (o presente como mediação do passado e do futuro). Os autores reiteram que o devir da experiência se manifesta a partir da transição e da passagem — a continuidade de uma vivência e os estados de uma experiência, respectivamente —, em um limiar (RIBEIRO; CAPANEMA, 2016; MARTINO; MARQUES, 2020) ou área cinza de fronteira, a ser ultrapassada por algum processo ou por alguém, em direção a um novo limiar de experiência.

Aproximamos o entendimento desse limiar para o viajante, enquanto área de passagem que envolve uma vivência contínua de sensações e percepções. O limiar é um espaço de jogo (*Spielraum*), descrito por Benjamin como espaço de experimentação e criação de formas de vida, de gestos políticos inventivos e de constelações provisórias de outras ordenações possíveis entre espaços, tempos e objetos (WOHLFARTH, 2016). Acreditamos que este é o lugar onde paradigmas

internos poderiam ser quebrados e cristalizados na história do próprio indivíduo. Tais paradigmas modificariam a sua própria realidade, inserindo-o em um novo patamar de existência: uma nova fase de vida, um novo sistema de pensamentos e crenças, um novo olhar — enfim, um novo limiar.

As colocações dos autores nos permitem inferir que a viagem do viajante-*flâneur* possibilita o diálogo com o espaço, abrindo uma brecha temporal para a fabulação de sua própria narrativa de vida. Isso lhe permitiria imaginar sobre aquilo que poderia vir a ser, pois o sujeito que se desloca (ou escapa) de seu cotidiano se permitiria a liberdade necessária para poder refletir e se reconfigurar intimamente. Acreditamos que os limiares da experiência estética da transgressão do *self* no mundo representam a chave para uma compreensão maior e contínua sobre as particularidades vivenciadas a partir da sua comunicação com as epifanias e as espacialidades percorridas e praticadas. A compreensão da epifania de uma experiência torna a mesma única, que não termina com o final da prática do deslocamento pelos ambientes da viagem, mas que se mantém concretizada e incorporada à própria vida do indivíduo.

A experiência estética do viajante-*flâneur* é configurada pelo desvio (BENJAMIN, 2007; BARRENTO, 2013), pela transição liminar (THOMASSEN, 2012; TURNER, 2012; VAN GENNEP, 1960) e pela transgressão (FOUCAULT, 2019). A referência ao termo transgressão remonta à esfera política da experiência, a partir da perspectiva concebida por Michel Foucault (2019): “a experiência é arriscar não ser mais si mesmo” (FOUCAULT, 2019, p. 29) a partir de experimentações nas quais inventa-se um espaço de jogo no qual as pessoas podem lutar e definir um espaço habitável e possível de existência. Assim, a experiência pode produzir heterotopias: “operações pelas quais o corpo é arrancado de seu espaço próprio e projetado em um espaço outro” (FOUCAULT, 2019, p. 32). Para Foucault, a experiência estética heterotópica se relaciona ao rompimento do indivíduo com o espaço utópico (o não lugar, ou o lugar sem real, onde os sujeitos e corpos existem, mas estão ausentes), bem como o seu direcionamento rumo ao espaço da subversão, do contraditório e da descoberta de nós mesmos em outro lugar).

Foucault identifica algumas propriedades básicas das heterotopias: trata-se de espaços universais, heterogêneos, sobrepostos e temporalmente deslocados. Ainda segundo Foucault, as heterotopias também apresentam um aspecto de resistência, na medida em que contradizem e desafiam a lógica interna dos espaços ditos normais. Seriam exemplos de heterotopias: os cemitérios, os jardins, os navios, os bordéis, os museus (RIBEIRO, 2021, p. 310).

Segundo Hutchings e Giardino (2016), os espaços heterotópicos definidos por Foucault (1967) se estruturam a partir de seis princípios: todas as culturas possuem suas heterotopias que variam historicamente (destacam-se as heterotopias de crise, de desvio e de compensação); as heterotopias refletem as posições e disposições que organizam as sociedades nas quais existem; elas unem e fazem coexistir múltiplos espaços e tempos reais heterogêneos; elas estão ligadas a heterocronias, à não linearidade temporal que rompe com a organização normal do tempo; elas possuem esquemas que regulam a entrada e a saída de pessoas, promovendo isolamentos e acessos de acordo com a necessidade. Assim, seriam exemplos de espaços heterotópicos: internatos e asilos, (reservados aos indivíduos que diferem ou desviam de um padrão tido como normal pela sociedade, como adolescentes ou idosos); cemitérios (cuja função muda ao longo dos séculos, conforme avançam as percepções sociais sobre a morte); cinemas e teatros (recriação de múltiplos espaços que se sobrepõem ao original); museus (acumuladores de diferentes tempos); prisões e saunas (*rituais de purificação* para entrada e saída); bordéis (espaços de ilusão, que fantasiam uma realidade) e colônias (espaços reais de compensação, que pretendem imitar suas metrópoles).

Ribeiro (2021) aponta uma importante relação entre espaços heterotópicos e a ruptura com a visão tradicional da realidade do mundo. Segundo ele, espaços heterotópicos povoam os espaços concretos pelos quais transitamos, mas muitas vezes permanecem ocultos pelos quadros de sentido legitimados que governam nosso olhar.

[...] o embaralhamento das categorias que tradicionalmente representam os objetos do mundo sugere outra maneira de se perceber a realidade, revelando heterotopias [...] presentes na chamada —realidade, mas [que] permanecem ocultas. Uma maneira de se evidenciá-las é através da criação de representações que causem estranhamento e que rompam com a maneira como percebemos o mundo tradicionalmente (RIBEIRO, 2021, p. 312).

Espaços heterotópicos podem também ser espaços liminares, pois viabilizam a possibilidade do olhar do próprio indivíduo para fora de si mesmo, onde a reflexividade representa o caminho para a ruptura, para a transformação e a transgressão, no sentido de fazer algo diferente, e de se tornar um indivíduo para além do seu “eu original” (FOUCAULT, 2019). Heterotopias contêm pontos de interseção com os espaços “normais”, mas deles se afastam ao criar áreas de transição, onde “propriedades heterogêneas convivem em simultaneidade, dando origem a experiências liminares” (RIBEIRO, 2021, p. 311). Cabe lembrar que os espaços reais dificilmente apresentam transições abruptas e binárias, tais como as fronteiras de um mapa. Nesse sentido, as fronteiras dos espaços heterotópicos com os espaços “normais” seriam formadas, na verdade, por espaços liminares.

A produção de heterotopias nos leva a observar o rompimento do indivíduo com o espaço utópico — o não-lugar (AUGÉ, 2012), ou o lugar sem real (onde os sujeitos existem, mas, ao mesmo tempo, encontram-se ausentes) e com a temporalidade que tende a perpetuar um determinado momento, vivência ou condição humana, de forma contínua e sem transição definida. O conceito de não-lugar carrega uma crítica à abordagem do sujeito contemporâneo ao espaço. O indivíduo estabelecerá uma relação de consumo ou de fugacidade com o espaço, sem que houvesse uma apropriação mais profunda sobre o seu significado, detalhes, passagens, história, dentre outras possíveis particularidades. É o caso de cruzeiros, *shopping centers* ou estradas, por exemplo.

Seguindo esse entendimento, percebemos que a experiência que decorre desse rompimento flui para um espaço heterotópico, no qual há lugar para a transgressão, para alimentar as condições que favoreçam o desvio, o flunar e a ruptura da liminaridade por parte do viajante-*flâneur*. As experimentações heterotópicas agem em prol da fabulação liminar que contraria a ordem consensual, atestando a impossibilidade de fixar destinos e sua significação. Elas resultam das formas de resistência aos modelos majoritários de tradução e acomodação da experiência, de alteração da função dos enunciados existentes, oferecendo condições afetivas, políticas e sociais para a transformação das vulnerabilidades e para um arranjo constelar das relações intersubjetivas e outra imaginação política.

4 MONTAGENS DE CONSTELAÇÕES A PARTIR DOS VESTÍGIOS COLECIONADOS PELO VIAJANTE

A experiência heterotópica e liminar do viajante é articulada a partir de sua capacidade de compor uma rede heterogênea e anacrônica a partir de fragmentos articulados por meio da aproximação, do atrito entre eles provocado pelo método da montagem. Benjamin (2007) entende que o modo através do qual o flâneur investiga o meio urbano remete a um método que não busca elucidar as coisas de modo linear, mas que procura compará-las entre si, para que haja a constituição de conexões e sentidos inéditos que favoreçam o afloramento de novas compreensões. Assim, as figuras de pensamento, bem como suas fantasmagorias e fragmentos, nos remetem aos chamados arranjos constelares: grupo de imagens (constelação) previamente observadas e inventariadas, organizadas arbitrariamente pelo *flâneur* para serem comparadas umas às outras, no intuito de gerar novas reflexões sobre a cidade.

[...] a imagem é aquilo em que o ocorrido encontra o agora num lampejo, formando uma constelação. Em outras palavras: a imagem é a dialética na imobilidade. Pois, enquanto a relação do presente com o passado é puramente temporal, a do ocorrido com o agora é dialética - não de natureza temporal, mas imagética. Somente as imagens dialéticas são autenticamente históricas, isto é, imagens não-arcaicas. A imagem lida, quer dizer, a imagem no agora da cognoscibilidade, carrega no mais alto grau a marca do momento crítico, perigoso, subjacente a toda leitura [...] (BENJAMIN, 2007, p. 505).

De acordo com Rita Veloso (2018, p. 111), Benjamin propôs pensar a cidade por imagens, construindo o pensamento sobre a vida urbana a partir da visibilidade, isto é, “pelo que dão a ver vestígios, cicatrizes, superposições, incompletudes, frestas”. Segundo ela, as montagens elaboradas pelo flâneur mostram constelações de fantasmagorias (imagens que sobrevivem no presente para nos dizer o futuro do pretérito de um lugar) e de fragmentos luminosos de lampejos que, vindos do passado, se incrustam na temporalidade do presente para nos deixar ver as variadas temporalidades e idades de uma cidade. Também Mariana Souto (2019) trabalha com o método benjaminiano da montagem de constelações para explicar como as articulações de materiais heterogêneos e anacrônicos podem compor um percurso de pesquisa:

O objetivo do método [...] não é simplesmente detectar recorrências [...] e fazer disso uma coleção de gestos, como se a percepção dessas repetições imprevistas fosse suficiente para coroar a pesquisa – embora essa possa ser uma etapa fundamental para reconhecer uma tendência ou um movimento mais transversal. A comparação na constelação não é simplesmente icônica [...] é preciso avançar a reflexão. As imagens, portanto, surgem numa condição ilustrativa e nem são ponto de chegada, mas devem ajudar a construir e estruturar a reflexão. Pensamos com as imagens, através das imagens (SOUTO, 2019, p. 15).

Para Georg Otte e Miriam Volpe (2000), a prática constelar está ligada à temporalidade pelo processo de rememoração ativado, como vimos, pelo flâneur. Os autores afirmam que não existem reencontros imediatos com o passado, como se este pudesse voltar a uma origem. O papel da rememoração é executar um processo sempre mediativo e reflexivo, que nos ajuda na tarefa de restauração e produção. Além disso, o trabalho da rememoração é sempre incompleto e inacabado, como uma retomada do passado que nunca fica pronto, porque não se oferece pela via da ordem de uma narrativa única, contínua ou hierárquica. A rememoração opera por meio da quebra de uma sucessão sem pausas entre o lembrar e o esquecer: lembrar é um esforço de reunião, de constelação de imagens dispersas, de interiorização e reflexão sobre os vestígios.

O conjunto simultâneo das coisas do passado que revela, ao unir vários níveis temporais, constelações inesperadas e permite recuperar o que antes era inteiro. [...] Como na prática de escrita de Benjamin, há em seu conceito de história a possibilidade de uma verticalização, chamada de rememoração (*Eingedenken*). O exemplo dado por Benjamin é o dos dias de festa de origem religiosa, que são celebrados sempre nas mesmas datas todos os anos. É como se cada ano fosse o anel de uma espiral, sendo que os dias de festa se repetiriam, na superposição dos anéis, sempre no mesmo ponto. A repetição desses dias, portanto, serviria como uma espécie de âncora que garante o “eterno retorno” e, assim, a união entre o passado e o presente [...] (OTTE; VOLPE, 2000, p. 44).

As imagens de pensamento nos permitem enxergar fragmentos e fantasmagorias que se revelariam na comparação de elementos ou entidades ligadas a determinados cenários da cidade. No caso da obra *Rua de Mão Única* (BENJAMIN, 1987), por exemplo, o novo e o antigo evocam a percepção de particularidades envolvendo duas imagens urbanas específicas:

Rua de mão única se transforma numa sequência de 61 textos, curtos ou mais longos, que podem muito bem mimetizar os dois lados de uma rua berlinense. [Há] correspondências entre o número 1 (“Posto de Gasolina”) e o número 31 (“Loja de Antiguidades”) como os dois lados opostos da mesma rua, um emblema da técnica moderna de um lado, um acúmulo de coisas antigas do outro (BERENSTEIN, 2018, p. 214).

Nessa *flânerie arquitetônico-literária*, o choque entre imagens urbanas dialéticas revela distinções temporais. Se, por um lado, o posto de gasolina representa o sonho de uma época futura, ou ainda, o espírito de um porvir, por outro, a loja de antiguidades denuncia os sinais e o peso de um tempo concentrado, que se acumula na modernidade (BERENSTEIN, 2018). Estas imagens dão a ver elementos distintos que coexistem em um mundo em transformação, compartilhando de um mesmo espaço-tempo. A natureza da *flânerie* benjaminiana nos permitiria pensar sobre as chances de uma expansão do conceito para o contexto do viajante-flâneur, como possibilidade de entender como a viagem pode revelar ao indivíduo justaposições temporais (imagens de pensamento) presentes nas espacialidades praticadas, nas quais o tempo seria um eixo atravessador das experiências (CORDEIRO, 2020).

Argumentamos que o viajante-flâneur tem a chance de vivenciar uma concentração de temporalidades espiralares distintas nas ambiências que percorre, experimentando, em suas particularidades, as sequências históricas (isto é, a micro-história) dos próprios indivíduos nesses percursos. A abertura do viajante-flâneur à percepção de imagens dialéticas em um determinado espaço-tempo aponta para o aspecto liminar que envolve a *flânerie* do sujeito no ambiente por ele percorrido, no espaço de transição entre o sonho e a realidade — uma região híbrida, intermediária, na qual a experiência estética desviante se daria como uma experiência liminar, passível de atravessamento e de ruptura quando o sujeito confronta a realidade do espaço com as memórias de suas próprias vivências. Na visão de Benjamin (2007), a experiência liminar se apresentaria como uma possibilidade de expressão política desse indivíduo, no momento em que as faíscas do atrito entre realidades (isto é, o choque entre imagens dialéticas) provocam a sua imaginação e potencializam novos desdobramentos, acontecimentos e transformações.

Dentro de uma experiência liminar, o *flâneur* encontra-se não apenas com uma dimensão espaço-temporal urbana específica, mas também com um lugar transitório, onde dialoga com o seu mundo e fabula percepções da realidade. Percebemos que a liminaridade, enquanto terreno fértil para a abertura de novos olhares a partir da iluminação de vestígios de elementos urbanos (outrora escondidos ou *em suspensão*, tal como partículas no ar), também compreende, em seu caráter provisório e intermediário, a natureza íntima do *rito de passagem* (THOMASSEN, 2012), configurado na vivência do próprio indivíduo e que se cristaliza em uma experiência liminar microhistórica. Esse rito representa uma região cinza *entre regiões*, no sentido de um *continuum*, de uma jornada ou vivência que se estende no evento do diálogo com o ambiente, com um começo e uma linha de chegada, a qual pode ou não vir a ser cruzada pelo indivíduo.

A nosso ver, a transição do limiar se aproximaria de uma experiência de transcendência, opondo-se à experiência do escapismo ordinário, da vivência superficial do lugar ou do olhar de consumo. Entendemos, como mencionado anteriormente, que essas características mais superficiais envolvendo as chamadas “experiências liminóides” (THOMASSEN, 2012, p. 28) seriam comuns aos viajantes que optam pela perpetuação da vivência de suas atividades, missões e consumo espacial dos lugares e não-lugares (AUGÉ, 2012). No estado liminóide, há uma ruptura da rotina (uma viagem de escapismo ou um livre jogar, sem compromissos, obrigações ou preocupações maiores, por exemplo). Notamos alguma semelhança com o estado de liminaridade, uma vez que a fluidez, a indeterminação e o movimento de transposição se fazem presentes em ambas as situações. Porém, a diferença se faz ver no devir de cada estado: no liminóide, o término da vivência retorna o indivíduo ao estado mental anterior, ao cotidiano, ao normal; na liminaridade, não há um movimento de retorno ao passado, mas uma transição para um novo status, posição ou condição que emerge da resolução de uma questão ou da passagem por um ritual (THOMASSEN, 2012).

Poderíamos pensar que a dimensão mais efêmera da experiência se apresenta ligada ao estado de fluxo dos indivíduos — o *flow* (CZIKSZENTMIHALYI, 1990) —, que denotaria um comportamento específico no relacionamento com os ambientes

(fruição voluntária, atenta e constante das vivências no mundo). Neste cenário, uma presença constante e indefinidamente prolongada do indivíduo neste estado de fluxo, implicaria no estacionamento do mesmo em uma zona intermediária, liminar, cujas novidades tenderiam a ser normalizadas com o tempo. Desse modo, o diferente ou provisório tornar-se-ia algo banalizado e trivial — um novo normal, que constituiria uma experiência superficial, se comparada à experiência que de fato se dá no atravessamento e nas transições das liminaridades.

Portanto, ressaltamos dois pontos: o primeiro deles atenta para o entendimento de que a perpetuação espaço-temporal da fruição representaria o alongamento indefinido do *continuum* liminar, sustentado por um determinado estado de fluxo — o que evitaria que a vivência se aproximasse de uma resolução (de uma fase final, como o fim de um evento, festa, viagem, exploração, etc.) —, bem como favoreceria a movimentação por uma liminaridade que separa o lugar de origem do indivíduo do mundo testemunhado durante o estado de *flow*; já o segundo ponto indica que esta perpetuação, por si só, não produziria de fato *uma experiência liminar*: é preciso que exista um movimento de transição, isto é, que não apenas haja um mero consumo ou atravessamento de lugares, fases ou épocas, mas sim que tal processo também venha acompanhado de um impacto ou resolução que modifique um *status* ou que encerre um determinado ciclo — a exemplo dos rituais ou ritos de passagem, que tendem a culminar em uma transformação mais profunda do indivíduo (TURNER, 2012; VAN GENNEP, 1960).

A experiência estética liminar produzida pelas constelações montadas pelo viajante-flâneur é uma microflânerie no sentido de que a passagem por uma espécie de ritual (THOMASSEN, 2012) abre brechas para a transformação do indivíduo (ou mesmo, de sua história), que não mais retornaria o mesmo. Não se trata de uma situação de estagnação: uma *liminaridade permanente* (SZAKOLCZAI, 2000), na qual os conceitos e as concepções mentais do sujeito permanecem constantes ou pouco modificados após o seu deslocamento, mas de um perfil de viajante, cuja experiência liminar alcança a transformação do sujeito, através da fabulação de novas configurações e possibilidades.

5 FLÂNERIE, DESVIOS E O MICROFLANAR NA EXPERIÊNCIA DE VIAGEM

Uma experiência liminar estética e micropolítica de viagem está ligada, como vimos até aqui, ao processo de exploração do viajante-flâneur pela experimentação do desvio como forma de comunicação com o ambiente ao redor, observando a interação em tempos e espaços próprios. Inicialmente, a *flânerie* benjaminiana (BENJAMIN, 1999; 2007) poderia ser considerada um ponto de partida para o recorte daquilo que chamamos de microflânerie. No entanto, o flanar, como originalmente compreendido por Walter Benjamin, não se torna um termo facilmente replicável, visto que o mesmo se refere a um indivíduo que existe em um tempo-espaço específico: a cidade de Paris, no século XIX, cuja atmosfera e essência remetem a uma época singular, intangível ao mundo contemporâneo em sua totalidade (ainda que, de algum modo, a cidade possa *existir parcialmente*, preservada, conservada ou reproduzida em jogos digitais, museus, arquitetura, língua, tradições e cultura).

O *flâneur* benjaminiano (BENJAMIN, 1999; 2007) investiga fragmentos da história, observando fantasmagorias de outros tempos, cristalizados na persistência dos objetos, coisas e lugares. Como um detetive, ele reúne evidências que lhe revelam a cidade sobre novos pontos de vista. Nas passagens e entrelinhas dos cacos urbanos reunidos, residem as composições, comparações, *links* e constelações de evidências que implicam em novas narrativas, que fazem emergir novas histórias e que denunciam as forças que agem sobre a sociedade e o espaço ao longo do tempo.

As investigações de Benjamin o conduzem à crítica sobre o avanço do capitalismo urbano, a alienação social, e por fim, ao seu próprio *desencanto do mundo*, trazido pelo progresso e pelas inovações urbanas e tecnológicas. Para o filósofo, a chegada de um novo tempo traz também a decadência da figura do *flâneur*. Seu campo de investigação (o espaço público) vai se tornando cada vez mais escasso, à medida que a nova era pasteuriza gradativamente a cidade, tornando as relações sociais mais líquidas, os lugares mais comercializados e os ambientes mais homogêneos.

É notório que haja alguma dificuldade em se transpor a figura desse sujeito particular para uma realidade contemporânea, diferente daquela vivenciada na época de Benjamin. No entanto, “Benjamin é nosso contemporâneo no mesmo sentido que é ainda um autor aberto a 'usos' diferentes” (SARLO, 2013, *online*). Nesse sentido, tal flexibilidade permitiria a alguns autores propor novas perspectivas sobre o viajante-*flâneur*, que realiza investigações, deambulações e montagens a partir de pistas e pedaços encontrados em um determinado ambiente, ainda que em contextos diferentes, em tempos e espaços outros.

Em 2001, o acadêmico André Lemos, por exemplo, sugeriu a existência de um indivíduo *ciberflâneur* que flana pelo espaço virtual (o *ciberespaço*, termo que, na época, designava o espaço das comunicações conhecido atualmente como a *internet*). Nele, o indivíduo se deixa levar por *links* dispostos em um espaço imaterial, desviando-se dos caminhos que o levariam a uma sequência pré-programada de movimentos (ou cliques) estipulados para os usuários da rede, a fim de permanecer em um *status* contínuo de navegação aleatória pelos ambientes virtuais oriundos das redes telemáticas (LEMOS, 2001).

Com a popularização dos *smartphones* e das tecnologias agregadas à telefonia móvel (como o Sistema de Posicionamento Global e o *web mobile*), o pesquisador Robert Luke (2005) cunha o termo *phoneur*, associando-o ao indivíduo que perambula pela paisagem urbana enquanto comentador (no celular) do mundo pós-moderno, em uma interação distópica (no sentido consumista) com os lugares geográficos e seus respectivos conteúdos locativos digitais, intermediados por dispositivos móveis com recurso de acesso à internet sem fio. A década seguinte é marcada pela consolidação do uso das mídias locativas, com destaque para a popularização dos jogos locativos. Nesse cenário, os pesquisadores Michael Saker e Leighton Evans (2016) evocam o termo *playeur* para observar as motivações e maneiras pelas quais o indivíduo-jogador percorre ambientes físicos enquanto joga. Assim, o *playeur* (EVANS; SAKER, 2018) deriva do *flâneur* benjaminiano, por acessar o ambiente urbano em busca de elementos espalhados pelos ambientes dos jogos locativos, e do *phoneur* (LUKE, 2005), por interagir com cidades digitais através da mobilidade conferida pelos *smartphones*.

A discussão sobre a morte do *flâneur* no mundo contemporâneo é retomada por Chloé Galibert-Lâiné, produtora da obra audiovisual intitulada “*Flânerie 2.0*” (2018, *online*). A produtora faz menção ao pensamento de Benjamin e às suas categorias de percepção do mundo, esclarecendo que o *flâneur* benjaminiano pratica a percepção distraída (a apreciação de algo que se dá de forma involuntária, durante um tempo não especificado para isso como, por exemplo, apreciar um prédio, durante uma caminhada). Porém, ela relembra que, na Paris de 2018, poucas pessoas flanam na cidade — é cada vez mais difícil se perder nelas, uma vez que as pessoas podem caminhar pelas calçadas enquanto olham fixamente para a tela de seus celulares, navegando pelo espaço visual-informacional. A navegação “sem sair do lugar” também é retratada no vídeo de Galibert-Lâiné (2018). Em certo momento, sua película mostra as ruas parisienses, percorridas a partir de duas perspectivas distintas e simultâneas: em uma delas, o passeio é realizado no espaço virtual das ruas catalogadas pelo *Google Street View*; em outra, as mesmas ruas são percorridas de carro, exibidas a partir da perspectiva temporal do filme *Paris n’existe pas* (1969), de Robert Benayoun.

Considerando os pontos anteriores e o entendimento de Sarlo (2013) sobre Benjamin, percebemos que a transposição do conceito de *flânerie* para outras realidades não seria algo proibitivo, se realizada de maneira cautelosa. Por esse ponto de vista, um indivíduo viajante que flana na contemporaneidade compartilharia ou conservaria algum grau de conexão com o *flâneur* original. Na *flânerie* do viajante, a contemplação, a deriva e o consumo do espaço encontram-se misturados, interligadas em maior ou menor grau. O viajante pode deambular pelos espaços concretos, assim como o *ciberflâneur* pode vagar pelo espaço cibernético, desviando-se de *links* sequenciais e de caminhos hegemônicos (possivelmente pré-estipulados por normas ou entidades de controle), optando por seguir sua própria rota de navegação; o *phoneur*, atraído por entidades de consumo (marcas e instituições presentes nos espaços urbanos e digitais), desvia-se (parcialmente) do papel de mero consumidor, usando de sua influência (micro)política — comentários, registros e opiniões particulares — como forma ativa de construção de sua própria (micro)história nesses lugares; e, por fim, o *playeur* herda características do *flâneur* e do *phoneur*, criando

conteúdos lúdicos no espaço (comentando e/ou deixando sua marca no mundo) ou consumindo-os (seja seguindo/desviando de rotas preestabelecidas, alterando a sua própria velocidade, alternando caminhos outros para além do jogo etc).

A *microflânerie* do viajante que vivencia uma experiência estética não é uma forma de consumo que segue percursos geográficos guiados, atividades e conteúdos formatados. Tal como a entendemos, a *microflânerie* convida o viajante a elaborar uma remontagem (RIBEIRO, 2018) de tempos e espaços, aproveitando os estímulos que o convidam, ao mesmo tempo, a vagar, a investigar e a constituir novos pensamentos ou hábitos, a partir de desvios no tempo ou no espaço. A *microflânerie* configura uma experiência estética de transformação e de bricolagem de acontecimentos e possibilidades que se apresentam ao seu redor.

Esse movimento abre uma oportunidade para a remontagem do próprio viajante-*flâneur*, que articula suas experiências de maneira reflexiva (DEWEY, 2010), em uma determinada época e lugar. O entendimento de uma *microflânerie* no percurso da viagem estimula-nos a refletir sobre o seguinte fato: no âmbito de um espaço-tempo intersticial, liminar, o próprio viajante, partindo das investigações nas ambiências percorridas, fabula uma experiência que se expande para um modo alternativo de compreensão do mundo, ou ainda, de algo para além dele. Ainda, mais do que explorar rotas, desviar de caminhos ou produzir seus próprios conteúdos no espaço praticado, o viajante-*flâneur* tem a potência para desviar das narrativas predefinidas, podendo a partir delas escrever a sua própria história. Os pormenores de cada experiência, como registros subjetivos inscritos no tempo-espaço de ambiente singular, são resgatados, desmontados e reformulados, através dos rastros e vestígios colecionados pelo sujeito deambulador.

Assim, o ato do microflanar também é micropolítico “[pelo] poder que forma a subjetividade” (RESENDE; RODRIGUES, 2010, *online*) do viajante — e microhistórico — pelos indícios e registros de uma narrativa individual, oriunda da interação do próprio sujeito com o mundo (LEVI, 2015). O microflanar opera um conjunto de desvios em prol do rearranjo e da ressignificação de experiências. Na transgressão desse gesto político, limites podem ser quebrados ou ultrapassados, limiares podem explorados como espaços de fabulação e transformação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A viagem envolve um entrelaçamento entre o ato do indivíduo de se deslocar e a produção de algum significado pessoal atribuído ao ato em si. É um engajamento corporal que produz pensamentos, experiências, chegadas, desvios, experiências de ordem estética e política. A experiência da viagem nos permite estarmos em nossos corpos e no mundo, permitindo que uma variação imensa de espacialidades, temporalidades e corporeidades emergja e nos atravesse. As passagens, os limiares e os desvios abertos na viagem, enquanto construção prática de espaços, performances e tempos espiralares, nos permitem passar por transformações que traduzem a ideia foucaultiana de técnicas de si. Tais técnicas dizem da recusa a um determinado “modo de ser” e de viver imposto hierarquicamente: elas produzem uma experiência que requer o questionamento “do estatuto de sujeito no qual nos encontramos” (FOUCAULT, 2019, p. 35). Não há criação de si fora das normas e enquadramentos que orquestram e definem as formas possíveis que um sujeito pode assumir. Contudo, a normatividade não permanece invulnerável frente ao que Foucault define como “criação de si”, ou técnicas de si, ou seja, um trabalho constante e crítico de redefinição de quem somos diante da recusa das identidades que nos são socialmente impostas.

Acreditamos que as experiências estéticas liminares de viagem, produzem microflâneries nas quais a criação do viajante enquanto sujeito que busca definir a si mesmo se entrelaça com a emergência de heterotopias. A organização heterotópica dos espaços nas microflâneries é capaz de fragmentar e relacionar simultaneamente uma série de experimentações dando origem a um processo de acréscimo e justaposição: a micropolítica dessa experiência estética ocorre onde as franjas se misturam, onde as extremidades de uma denotam o início da outra, na dobradiça entre duas coisas é como a heterotopia aparece enquanto uma unidade instável, incorporando múltiplos significados em torno de um conjunto de contradições ou ambiguidades.

As experiências de microflânerie, nesta concepção, interrompem o fluxo da experiência cotidiana, abrindo outros espaços de descanso, refúgio e jogo. Sob esse aspecto, vemos uma conexão possível entre a noção de microflânerie e aquela da experiência estética apresentada por John Dewey (2010). Segundo Dewey, a qualidade transformadora e disruptiva da experiência estética se relaciona à possibilidade de o sujeito agir sobre as condições factuais de sua vida e se engajar em um processo de realização de si mesmo. Do ponto de vista da micropolítica, fazer uma experiência requer uma reorientação de conduta, uma reflexividade que seja fruto de momentos de elaboração e montagem, em que o encontro entre passado, presente e futuro convidam ao enfrentamento, à transformação, à comparação.

Nossa reflexão evidencia que é possível articularmos as lógicas heterotópicas às práticas da microflanagem, dissolvendo a noção de um lugar ao qual se acopla uma identidade única e uma função exclusiva. Na viagem, o viajante pode elaborar ativamente táticas que questionam lógicas funcionais estritas, a partir da fabulação de múltiplos estratos justapostos e temporalidades cambiantes, redesenhando os limites, os recortes e os ritmos usuais das espacialidades vivenciadas.

Em nossa proposta, o microflanar se assume como um lugar de pausa, desvio, devaneio ou extensão da permanência do limiar, que pode ocorrer durante o trânsito do jogador-viajante pelo espaço praticado. As possibilidades de reflexão dos viajantes-flâneurs se dão a partir de diferentes modos de deslocamento e de alinhamento mente-corpo-mundo, onde o ambiente pode ditar o ritmo do pensamento do indivíduo que se desloca, e que cuja vivência também é movida por pensamentos ritmados e por deslocamentos imaginários. O microflanar reforça a possibilidade da existência de experiências estéticas liminares a partir do diálogo dos indivíduos (que exploram, criam e transformam a si mesmos) com os ambientes nos quais interagem, neles deixando suas marcas.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Júlio. Entre peregrinação, turismo e liminaridade: a busca por lugares. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 16, n. 49, p. 66-87, 2018.
- ALMEIDA, Fabiana. Viagens turísticas como experiências de fronteiras. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 13-28, 2013.
- ARSENAULT, Dominic; BONENFANT, Maude. Poiesis e imaginação na experiência: o momento da graça no jogo de computador. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, n. 46, p. 215-227, Edição Especial, 2019.
- AUGÉ, Marc. **Não-Lugares** – introdução a uma antropologia da sobremodernidade. Lisboa: Letra Livre, 2012.
- BARRENTO, João. **Limiars sobre Walter Benjamin**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2013.
- BENAYOUN, Robert. **Paris n'existe pas** (Filme). 1969. Disponível em: <https://www.unifrance.org/film/6738/paris-n-existe-pas>. Acesso em: 7 out. 2021.
- BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.
- BENJAMIN, Walter. Rua de mão única. **Obras escolhidas, Volume II**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BENJAMIN, Walter. **The Arcades Project**. Harvard: University Press, 1999.
- BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. **Obras escolhidas, Volume I**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BERENSTEIN, Paola. Pensar por montagens. In: BERENSTEIN, Paola Jacques; PEREIRA, Margareth (ed.). **Nebulosas do pensamento urbanístico**: tomo I – modos de pensar. Salvador: EDUFBA, 2018, p. 206-234.
- BJARNASON, N. Playing as travelling: at the border of leisure and learning. In: DIGRA '20 – PROCEEDINGS OF THE 2020 DIGRA INTERNATIONAL CONFERENCE: PLAY EVERYWHERE, 2020 (online). **Proceedings** [...], p. 1-15. Disponível em: http://www.digra.org/wp-content/uploads/digital-library/DiGRA_2020_paper_257.pdf. Acesso em: 15 set. 2021.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, 2002, p. 20-38. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Acesso em: 6 jul. 2019.
- CARDOSO, Sérgio. O olhar dos viajantes (do etnólogo). **Artepensamento** (online), 1988. Disponível em: <https://artepensamento.ims.com.br/item/o-olhar-dos-viajantes-do-etnologo>. Acesso em: 2 nov. 2021.
- CASTRO, Anna; REIS, Antônio. Experiência estética em lugares turísticos temáticos. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, 18., 2019, Natal. **Anais** [...], p. 1-19. Disponível em: <http://anpur.org.br/xviiienanpur/anaisadmin/capapdf.php?reqid=985>. Acesso em: 9 out. 2019.

CASTRO, Júlia Fonseca de. **Sobre viagem**: palmilhar limites, entrever transformações. 2019. 244 f. Tese – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/30474/1/Julia%20Fonseca%20de%20Castro%20tese.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2020.

CERTEAU, Michel de. A invenção do Cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2003.

CORDEIRO, Iuri. A experiência do flâneur 2.0: conversas entre jogadores e mundos digitais. **Comunicar, insurgir: engajamentos metodológicos na pesquisa em Comunicação**. PILAR, Olívia; GUERRA, Ana; BRITO, Alessandra (org.). Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2020, p. 39-55. Disponível em: https://seloppgcom.fafich.ufmg.br/novo/wp-content/uploads/2019/09/Coloquio_7.pdf. Acesso em: 16 maio 2020.

CSIKSZENTMIHALY, Mihaly. **Flow**: the psychology of optimal experience. Nova York: Harper Perennial, 1990. 303 p.

DEWEY, John. Ter uma experiência. In: DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 109-141.

FOUCAULT, Michel. **Des Espaces Autres** (palestra), 1967. Disponível em: <https://foucault.info/documents/heterotopia/foucault.heteroTopia.en/>. Acesso em: 11 jul. 2021.

FOUCAULT, Michel. Foucault e a experiência utópica. In: LAVAL, C. **O enigma da revolta**: entrevistas inéditas sobre a Revolução Iraniana. São Paulo: N-1 edições, 2019. p. 102-142.

FREITAS, Tatiana. Erfahrung e Erlebnis em Walter Benjamin. **Garrafa**, v. 12, n. 36, p. 72-86, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/garrafa/article/view/7918>. Acesso em: 29 mar. 2020.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Limiar, aura e memorização. **Ensaio sobre Walter Benjamin**. São Paulo: Ed. 34, 2014.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Canteiro de obra. In: Berenstein, P. J.; Britto, F. D. **Corpocidade**: gestos urbanos. Salvador: EDUFBA, 2017.

GALIBERT-LÂINÉ, Chloé. Flânerie 2.0. **Débordements**. 18 abr. 2018. Disponível em: <https://www.debordements.fr/Flanerie-2-0>. Acesso em: 16 maio 2021.

GASTAL, Susana. **Turismo, imagens e imaginários**. São Paulo: Aleph, 2005.

GEE, James. Video Games, Design, and Aesthetic Experience. **Rivista di estetica**, n. 63, p. 149-160, 2016.

GODOY, Karla; LUNA, Sarah. A estética turística e cinematográfica da favela: suportes de uma autenticidade construída. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 12, n. 2, p. 239-252, 2012.

INGOLD, Tim. O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção. **Horizontes antropológicos**, v. 21, n. 44, p. 21-36, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832015000200002>. Acesso em: 28 ago. 2020.

INGOLD, Tim. Ways of mind-walking: Reading, writing, painting. **Visual Studies**, v. 25, n. 1, p. 15-23, 2010.

INGOLD, Tim. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2015.

LEMOS, André. Ciber-flânerie. In: FRAGOSO, S. *et al.* **Comunicação na Cibercultura**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2001.

LEVI, Giovanni. Micro-história e história da imigração. VENDRAME, M. *et al.* (org.). **Micro-história, trajetórias e imigração**. São Leopoldo: Oikos, 2015. p. 246-260.

MARTINO, Luis Mauro; MARQUES, Ângela. Fotografias do limiar: dicotomias, fabulações e temporalidades intervalares em imagens de famílias empobrecidas durante a Depressão norte-americana dos anos 1930. **Interin**, Curitiba, v. 25, n. 2, p. 83-110, 2020.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

OTTE, Georg; VOLPE, Miriam. Um olhar constelar sobre o pensamento de Walter Benjamin. **Fragmentos**, n. 18, p. 35-47, 2000.

PALAZUELOS, Felix; FONSECA, Tania. Erlebnis e Erfahrung na perspectiva do limiar como transição e passagem. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 17, n. 3, p. 934-950, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/37695>. Acesso em: 29 mar. 2020.

PEREIRA, Margareth. Pensar por nebulosas. In: BERENSTEIN, P. J.; PEREIRA, M. (comp.). **Nebulosas do pensamento urbanístico**: tomo I – modos de pensar. Salvador: EDUFBA, 2018. p. 238-261.

RESENDE, Gabriel; RODRIGUES, Lucas. Micropolítica. **E-psico** (UFRGS. Online), c2010. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/e-psico/subjetivacao/espaco/micropolitica.html>. Acesso em: 10 abr. 2021.

RIBEIRO, Daniel. **Limiares da cartografia**: deambulação, arqueologia e montagem no mapeamento de lugares. 2018. 300 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/21589>. Acesso em: 17 ago. 2020.

RIBEIRO, Daniel. **Limiares da cartografia**: uma leitura semiótica de mapeamentos alternativos. Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2021.

RIBEIRO, Daniel; CAPANEMA, Letícia. Limiares e fronteiras na arte: um estudo sobre a experiência estética em Walter Benjamin. **Interin**, Curitiba, v. 21. n. 2. p. 5-22, 2016.

SARLO, Beatriz. O método Walter Benjamin. Entrevista concedida a Guilherme Freitas. **O Globo Blogs - Prosa [online]**. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2013/06/08/o-metodo-walter-benjamin-499394.asp>. Acesso em: 10 abr. 2021.

SOUTO, Mariana. Constelações fílmicas: um método comparatista no cinema. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 28., PUC-RS, Porto Alegre, jun. 2019.

SZAKOLCZAI, Arpad. **Reflexive Historical Sociology**. London: Routledge, 2000.

THOMASSEN, Bjorn. Revisiting liminality: the danger of empty spaces. ANDREWS, H; ROBERTS L. (ed.). **Liminal Landscapes** - Travel, Experience and spaces in-between. Londres: Routledge, 2012. p. 21-35.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.

TURNER, Victor. Liminal ao liminoide: em brincadeira, fluxo e ritual - um ensaio de simbologia comparativa. **Mediações** - Revista de Ciências Sociais (UEL. Online), v. 17, n. 2, p. 214-257, 2012.

VAN GENNEP, Arnold. **The Rites of Passage**. Chicago: Chicago University Press, 1960.

VELLOSO, Rita. Pensar por constelações. In: BERENSTEIN, P. J.; PEREIRA, M. (comp.). **Nebulosas do pensamento urbanístico**: tomo I – modos de pensar. Salvador: EDUFBA, 2018. p. 98-121.

WOHLFARTH, Irving. Spielraum. O jogo e a aposta da “segunda técnica” em Walter Benjamin. **Limiar**, v. 3, n. 6, p. 3-53, 2016.

SOBRE OS AUTORES

Iuri Francisco Mustafa Cordeiro

Mestre em Comunicação Social e Turismólogo pela Universidade Federal de Minas Gerais. Foi membro do grupo de pesquisa LUCE - Ludicidade, Cultura e Educação, pela Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1026695852004600>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7907-0807>

E-mail: iurifmc@yahoo.com.br

Ângela Cristina Salgueiro Marques

Professora Associada do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutora em Comunicação Social pela UFMG (2007) e Mestra em Comunicação Social pela mesma instituição.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5038152185134297>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2253-0374>

E-mail: angelasalgueiro@gmail.com

Daniel Melo Ribeiro

Professor Adjunto do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, Mestre em Tecnologias da Inteligência e Design Digital pela PUC-SP, especialista em Gestão Estratégica da Informação pela UFMG e graduado em Comunicação Social pela UFMG.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9470019908330315>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0840-2587>

E-mail: danielmeloribeiro@gmail.com

Júlia Fonseca de Castro

Doutora em Geografia (2019), Mestra em Geografia (2013) e Bacharel em Turismo (2008) pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2896064194733123>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0797-5698>

E-mail: juliafcastro@gmail.com

COMO CITAR ESTE ARTIGO

CORDEIRO, Iuri Francisco Mustafa; MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro; RIBEIRO, Daniel Melo; CASTRO, Júlia Fonseca de. Desvio, flânerie e liminaridade na experiência do viajante. **Passagens:** Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, v. 13, n. especial, p. 5-36, dez. 2022. DOI: 10.36517/psg.v13iesp.80663.

RECEBIDO EM: 15/05/2022

ACEITO EM: 21/08/2022

PUBLICADO EM: 31/12/2022



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional